O norte para a aprendizagem

Um currículo completo e elaborado coletivamente é indispensável em redes que fazem questão de garantir o avanço dos alunos. Saiba como esse documento pode ser construído e a melhor maneira de usá-lo

PAULO ARAÚJO paraujo@abril.com

ILUSTRAÇÃO SATTU

Durante um congresso realizado em Brasília em 2006, um professor fez o seguinte desabafo: "Todos os anos, ao preparar meu planejamento, me sinto como um aventureiro perdido no meio da floresta, munido de bússola com uma agulha que não funciona". Ele se referia à falta de orientação sobre o que e como ensinar no meio de tantos caminhos que podem ser percorridos ao longo de cada ano letivo. Afinal, o que as crianças e os jovens precisam saber? Pois é exatamente assim que se sente quem leciona em redes sem currículo – ou com um documento engavetado, desconhecido por todos. Não é de estranhar, portanto, que muitos ainda acreditem que um currículo seja apenas uma lista de disciplina e conteúdos. Nada disso. Em linhas gerais, ele deve conter:

- A fundamentação teórica (preceitos gerais para o trabalho na área).
- O histórico do ensino das disciplinas.
- Os objetivos de aprendizagem de cada ciclo ou série (de preferência, com o que se espera que os alunos saibam ao fim do período).
- Os conteúdos que serão trabalhados no período para alcançar essas expectativas, com justificativa de cada um.
- As orientações didáticas e referências bibliográficas, com sugestões de atividades e leituras complementares.

"O currículo é um instrumento que deve levar em conta as diversas possibilidades de aprendizagem não só no que concerne à seleção de metas e conteúdos, mas também na maneira de planejar as atividades", resume o psicólogo espanhol César Coll, professor da Universidade de Barcelona e um dos maiores especialistas no assunto. Além disso, diz ele, o documento precisa ser revisto permanentemente para acompanhar os anseios da sociedade em relação à Educação das crianças. "São orientações que devem ser vistas como uma bússola que norteia os passos da Educação do país, de cada rede de ensino e de cada professor", complementa Elvira Souza Lima, consultora do Ministério da Educação (MEC) e pesquisadora do desenvolvimento humano.

Luiz Carlos Freitas, coordenador do Laboratório de Avaliação da Universidade Estadual de Campinas, destaca outro aspecto fundamental: só com essas orientações definidas, é possível avaliar se a Educação como um todo está no rumo certo, ainda mais nos dias de hoje, em que muitos países (o nosso incluído) participam de testes nacionais (como a Prova Brasil) e globais (como o Programa Internacional de Avaliação de Alunos, o Pisa). Sem ter um currículo claro, com objetivos definidos, essas avaliações tendem a ficar completamente sem sentido. "A maioria dos professores desconhece as matrizes segundo as quais elas são concebidas", diz Freitas.

Experiência rica

Para que o currículo seja eficaz, ele precisa ser construído com a participação de todos os atores do processo educativo. De nada adianta "importá-lo" de outra rede ou "pari-lo" num gabinete. Depois de pronto, ele precisa ser compreendido e adaptado por cada escola e professor. O percurso de elaboração é demorado e está longe de ser simples, mas os municípios que se dispõem a segui-lo vivem uma experiência rica. Todos devem usar como base a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Não existe um levantamento do MEC sobre quantas redes já passaram pela organização da matriz curricular nos moldes citados acima (só o que a Secretaria de Educação Básica sabe é que 1 830 das 5 561 prefeituras fizeram o chamado Plano Municipal de Educação, o que não é a garantia de um programa com qualidade).

Nesta reportagem, você vai conhecer quem conseguiu superar os obstáculos para montar matrizes curriculares. As histórias se dividem em três grupos, com um complemento. No primeiro estão as redes de ensino, no caso, as dos

O papel da SECRETARIA

municípios de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, e de Curitiba. Ali, as secretarias de Educação transformaram os momentos de discussão em programas de formação continuada: ao mesmo tempo em que pensavam nas propostas, os docentes foram convidados a assistir palestras, ler muito, repensar e discutir suas práticas. Em seguida, vem o trabalho nas escolas, como se pode ver no relato da experiência de um Centro de Ensino Fundamental de Brasília que estudou e adaptou as definições da rede à realidade local. E, finalmente, o que cabe a cada professor, na figura de uma colega de Jundiaí, em São Paulo. Para completar, a trajetória de um colégio de Timóteo, no interior de Minas Gerais, que não esperou a Secretaria da Educação e arregaçou as mangas para produzir a própria bússola de ensino *(leia o quadro da página 37)*.

A REDE EM AÇÃO

O processo todo – a julgar por esses casos já concluídos – dura aproximadamente dois anos (um para estudos e discussões e outro para a consolidação e a implementação). "Em se tratando de redes, o documento só sai quando está fundamentado no tripé vontade política, conhecimento pedagógico e envolvimento dos educadores", ensina Luiz Roberto Alves, professor de Gestão de Cidades da Universidade Metodista de São Bernardo do Campo. Ou seja, a Secretaria de Educação precisa liderar os trabalhos.

Em 1992, Alves era o secretário do município quando foram criadas, pelos mil professores das 58 escolas locais, as matrizes da Educação Infantil – 11 anos antes de o MEC produzir os Referenciais Curriculares Nacionais. A ênfase definida pelo corpo docente foi na alfabetização, área que continuou a ser prioridade quando, em 2002, com a municipalização do Ensino Fundamental, a rede voltou a se mobilizar para construir as matrizes de ensino para esse segmento.

Cerca de 4 mil professores se reuniram no centro de formação do município. Lá foram escolhidos três representantes de cada escola – esse grupo menor tinha como missão ouvir os colegas (no ambiente de trabalho) e sugerir os conteúdos mais apropriados para cada série nas diferentes áreas. Mais uma vez, a ênfase recaiu nas práticas de leitura e escrita. Para garantir a participação de todos, a coordenação reservava um horário de trabalho pedagógico coletivo (como prevê a própria LDB) para a discussão e a redação dos relatórios. Ao receber os documentos, a secretaria analisava, sistematizava e redistribuía as sugestões para as unidades de ensino. Assim, em sistema de rodízio, todos puderam conhecer o conjunto das propostas e dar novos palpites. Uma segunda sistematização foi necessária, e o currículo do Ensino Fundamental entrou em vigor em 2006.

"O trabalho foi intenso e o esforço valeu a pena, gerando muita discussão e conhecimento para nós", lembra Káthia Maria de Carvalho Diniz, coordenadora dos procedimentos. "Tivemos cursos, palestras e formação sobre os temas de interesse, e as práticas em sala de aula mudaram definitivamente para melhor."

"É papel do educador planejar situações em que os alunos aprendam conteúdos de leitura e escrita em contextos de uso real"

Extraído da Proposta Curricular de São Bernardo do Campo, em São Paulo

SÃO BERNARDO DO CAMPO, SP

DOCUMENTO DA REDE
Proposta Curricular

DATA DE IMPLANTAÇÃO
Março de 2007

ESCOLAS 152

PROFESSORES 4 MIL

ALUNOS 90 MIL

PATRICIA STAVIS

DEFINIR PRIORIDADES O currículo de São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, enfatiza a leitura, a escrita e a alfabetização

Práticas consolidadas

Movimento semelhante ocorreu em Curitiba. Enquanto líderes mundiais discutiam ecologia na Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento, no Rio de Janeiro, em 1992, a Secretaria de Educação da capital paranaense já orientava suas 171 escolas a ministrar a disciplina Educação para o Desenvolvimento Sustentável. "Só em 2004, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) recomendou que isso virasse um tema escolar", compara Nara Salamunes, diretora do departamento de Ensino Fundamental do município há 20 anos.

A iniciativa tem tudo a ver com a história da cidade. Em 1990, Curitiba foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas como modelo de urbanização, qualidade de vida e respeito ao meio ambiente. Desde essa época, as equipes pedagógicas planejam projetos de coleta seletiva de lixo, estudam o problema da água e organizam aulas de estudo do meio para conhecer bosques, parques e museus.

"Educação Ambiental é um processo contínuo de aprendizagem, que tem como objetivo instrumentalizar os cidadãos para uma ação responsável e consciente sobre o ambiente em que vivem"

Extraído de Diretrizes Curriculares para a Educação do Município de Curitiba

CURITIBA, PR

DOCUMENTO DA REDE
Diretrizes Curriculares para a Educação

DATA DE IMPLANTAÇÃO
Março de 2006

ESCOLAS 171

PROFESSORES 9 mil

ALUNOS 100 mil

MARCELO RUDINI

VOCAÇÃO LOCAL A rede de Curitiba prioriza o meio ambiente e a urbanização, itens valorizados pela comunidade

O papel da ESCOLA

"É possível utilizar modelos específicos de avaliação, como a montagem de portfólios – pastas nas quais os alunos organizam o material de estudo ao longo de um determinado período"

Extraído do planejamento anual da CEF Plano Piloto, em Brasília

BRASÍLIA, DF

DOCUMENTO DA REDE
Currículo da Educação Básica das Escolas Públicas

DATA DE IMPLEMENTAÇÃO
Fevereiro de 2002

ESCOLA CEF Plano Piloto

DOCUMENTO ELABORADO PELA ESCOLA
Planejamento Pedagógico Anual

PROFESSORES 40

ALUNOS 604

MONIQUE RENNE

NOVA AVALIAÇÃO Com as diretrizes definidas, professores de Brasília, como Sandra de Souza, usam portfólios para dar notas

Há quatro anos, quando a Secretaria de Educação convocou os professores para reformular o currículo, diversas práticas já estavam consolidadas. "Faltava apenas dar um padrão aos projetos e organizá-los", conta Nara. Como em São Bernardo do Campo, em São Paulo, com ênfase na leitura e na escrita, em Curitiba a missão era pensar em maneiras de unir os estudos sobre o meio ambiente às outras áreas do conhecimento.

No documento, concluído em 2006, a Educação para o desenvolvimento sustentável se tornou mais do que uma disciplina: agora é um dos princípios educacionais do município. De lá para cá, já foram publicados cadernos pedagógicos com as sugestões práticas dos educadores e um cronograma de atividades, o que faz com que todas as escolas comecem o ano sabendo como trabalhar os vários temas. Assim, professores e alunos saem pelas ruas da cidade percorrendo seis roteiros, planejados por historiadores e especialistas. Sibele Coreli, que leciona para o 3º ciclo na EM Anísio Teixeira, afirma se sentir mais segura para relacionar os conteúdos de Meio Ambiente à Língua Portuguesa, à Matemática e às Ciências. "Esse planejamento sistemático aponta o que os estudantes precisam aprender."

A EQUIPE SE REPLANEJA

Quando as equipes pedagógicas participam ativamente da criação do currículo, fica mais fácil o documento não virar letra morta. Mesmo assim, é essencial a escola se debruçar sobre ele antes de colocá-lo em prática. Para Elvira Souza Lima, esse é um dos momentos mais difíceis: "Muitos professores têm dificuldade em abandonar antigas práticas e começar a trabalhar de forma diferente". Para minimizar o problema, ela sugere que seja realizada uma reunião para esclarecer dúvidas e discutir os novos parâmetros. Nesse momento, diz Benigna Maria de Freitas Villas Boas, pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, o papel do coordenador pedagógico é fundamental: cabe a ele coordenar os estudos do grupo e ajudar os educadores a adaptar o conteúdo definido para cada série ou ciclo.

As expectativas de aprendizagem e como elas devem se integrar entre as diferentes áreas são sempre pautas obrigatórias nas reuniões de trabalho semanal. Da mesma maneira, refletir sobre a melhor forma de avaliar e conhecer os instrumentos adequados permite ao docente rever suas práticas e replanejar intervenções. Na opinião de Benigna Maria, essa é uma das ações mais importantes da escola que acredita no papel transformador de um bom currículo.

Foi exatamente sobre esse item que o Centro de Educação Fundamental Plano Piloto, em Brasília, se fixou. Quando a rede definiu o currículo, em 2002, os professores perceberam que o sistema calcado em provas e notas não era compatível com a orientação de usar diversos instrumentos de avaliação. O correto seria acompanhar cada estudante individualmente. Sandra Leila de Souza, professora de Ciências do 8º e 9º anos, começou a montar portfólios para fazer essa análise com mais qualidade. Neles, passou a arquivar os registros de cada jovem e as

A escola que reinventou seu currículo

LEO DRUMOND/AGÊNCIA NITRO

MATRIZES PRÓPRIAS Ao conhecer melhor a realidade dos alunos, uma escola estadual da mineira Timóteo inseriu a cultura afro no currículo

Não é por ser subordinada a uma secretaria que uma escola não pode, sozinha, criar o próprio currículo. Isso é garantido pela Lei de Diretrizes e Bases, quando defende a flexibilidade do que deve ser ensinado. Em Timóteo, a 300 quilômetros de Belo Horizonte, a EE Capitão Egídio Lima realizou essa "proeza" em 1993, ao olhar para a realidade da comunidade e propor atividades que fizessem mais sentido para os estudantes. Conduzida por Maria Luíza Flor Pereira, ex-secretária de Educação do município, a reforma valorizou a inclusão de temas ligados à cultura afro-brasileira em todas as disciplinas dez anos antes de o Ministério da Educação fazer essa recomendação. "O rendimento escolar melhorou significativamente na última década", comemora Luíza. "Esse exemplo mostra que a diversidade local deve ser um dos eixos da proposta curricular de qualquer escola", defende Nilma Lino Gomes, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Com o apoio da atual diretora, Sônia Castro Gomes Melo, a equipe usa as quartas-feiras para oficinas temáticas. Entre outras atividades, os docentes foram capacitados pela Associação Lenço de Seda, um grupo de capoeira local, organizaram saraus literários para colocar crianças e jovens em contato com textos de Castro Alves, Solano Trindade e Lima Barreto e aprenderam a cozinhar acarajé e vatapá para a merenda. Em classe, as aulas de História e Geografia passaram a incluir os percursos realizados pelos negros para chegar ao Brasil na época da escravidão, a forma como eram comercializados, suas etnias e seus hábitos. E em Arte, as turmas estudaram a obra do pintor argentino naturalizado brasileiro Carybé (1911-1997) e tiveram contato com cantos, como ladainhas e chulas.

A iniciativa, testada e aprovada, foi uma das estrelas de um seminário para dirigentes municipais de Minas Gerais, realizado em Ouro Preto em outubro do ano passado.

A experiência da escola deve inspirar outras redes no estado. "Estamos estudando a revisão de nossas matrizes inspirados em Timóteo", diz Esmeralda de Freitas Pereira, coordenadora da Secretaria de Educação de Mariana.

O papel do PROFESSOR

"FEVEREIRO E MARÇO – Projeto Planeta Água
Poluição, Manancial de rios, Aquecimento global...
ABRIL A SETEMBRO – Projeto Volta ao Mundo em 80 dias
Rotação, translação e fusos horários...
OUTUBRO E NOVEMBRO – Projeto Corpo e Movimento
Higiene e saúde, Atividades físicas"

Extraído do planejamento da 4a série A da professora Maria do Carmo, de Jundiaí.

JUNDIAÍ, SP

DOCUMENTO DA REDE
Propostas de Metas de Ensino

DATA DE IMPLANTAÇÃO
Abril de 2003

ESCOLA EMEB Comendador Ermenegildo Martinelli

PROFESSORA
Maria do Carmo Santos Antonelli

DOCUMENTO ELABORADO PELA PROFESSORA
Organização da Programação do Tempo Didático

ALUNOS DA 4ª SÉRIE A 20

TATIANA CARDEAL

NO TEMPO CERTO Documento de Jundiaí orienta professores – como Maria do Carmo – a decidir sobre a duração de seus projetos

observações que eles faziam nas discussões em grupo e os estudos do meio. Com isso, ficou fácil perceber os avanços durante o ano e garantir que os conteúdos previstos na matriz curricular sejam efetivamente ensinados.

NOVA ROTINA EM CLASSE

Na sala da direção, da coordenação pedagógica ou na biblioteca, o currículo deve estar sempre disponível e ser um instrumento de consulta para o professor. Depois de discuti-lo com os colegas e a coordenação, é hora de fazer o planejamento para cada turma. Em Jundiaí, a 50 quilômetros de São Paulo, a nova matriz foi implantada em 2003. Uma das decisões mais importantes se referiu à necessidade de acabar com a fragmentação dos conteúdos, que passaram a ser organizados em projetos didáticos, seqüências e atividades permanentes. Para isso, os professores teriam liberdade para distribuir o tempo de acordo com as necessidades de aprendizagem da garotada.

Maria do Carmo Santos Antonelli, que leciona para 4ª série na EMEB Comendador Ermenegildo Martinelli, trabalhou o tema Água nos dois primeiros meses, usou outros cinco meses para o projeto Volta ao Mundo em 80 Dias, baseado no livro de mesmo nome do escritor francês Júlio Verne (1828-1905), e terminou o ano ensinando Corpo e Movimento, juntamente com o colega de Educação Física. Com o auxílio da coordenadora Cíntia Coreti Torezin, Maria do Carmo estudou os conteúdos relativos à série. "Ponto por ponto, combinamos o planejamento das aulas e as atividades extraclasse e fizemos um acompanhamento sistemático do avanço de cada estudante em fichas individuais", destaca Cíntia.

Montar uma nova matriz ou promover a reforma dela, como mostram os exemplos desta reportagem, é um processo reflexivo e de auto-análise que, no fim, garante qualidade e identidade ao ensino de uma rede. Do ponto de vista do professor, o bom currículo deve:

- Chegar às escolas em versão impressa e eletrônica (CD-ROM ou disponível no site da Secretaria de Educação) para que todos tenham acesso à integra.
- Ter o processo de implantação acompanhado de uma formação continuada da equipe (palestras, seminários e debates) para esclarecer dúvidas e acompanhar sua implantação em sala de aula.
- Ser lançado junto com textos de apoio (cadernos pedagógicos ou manuais de uso) que orientem os educadores sobre a a estrutura do texto e sua aplicação.
- Dispor de uma lista de sugestões de atividades e leituras complementares para todas as séries e disciplinas.
- Deixar claras as expectativas de aprendizagem dos alunos e motivar a realização de exames internos como uma forma de avaliar a eficácia do documento.
- Passar por avaliações periódicas para que seja reformulado, em partes ou no todo, sempre que a realidade e a necessidade dos alunos assim exigirem.

São Paulo, o maior município do país, acaba de fazer a lição de casa e, depois de dois anos de debates, os 50 mil professores estão recebendo, neste início de ano, o documento que vai indicar os caminhos em quatro segmentos: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação Especial e Educação de Jovens e Adultos. "Agora temos expectativas de aprendizagem claras e, com elas, a certeza de que novas práticas de sala de aula vão melhorar o nível de ensino do nosso sistema", aposta Regina Célia Lico Suzuki, diretora de orientação técnica da secretaria municipal.

Cleuza Repulho, ex-presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), espera uma movimentação intensa das secretarias nos próximos anos para que mais currículos sejam definidos, com o objetivo de implantar de forma eficaz o Ensino Fundamental de nove anos. "É indispensável que o documento seja preparado, compartilhado e aceito por todos. Só assim os professores terão um norte para seu dia-a-dia na sala de aula."

QUER SABER MAIS?

Contatos

CEF Plano Piloto, SQS 113, 70376-000, Brasília, DF, tel. (61) 3901-2498
EE Capitão Egídio Lima, R. Manoel Samora, s/nº, 35180-510, Timóteo, MG, tel. (31) 3848-1825
EM Anísio Teixeira, R. João Batista Scucato, 80, 82860-130, Curitiba, PR, tel. (41) 3256-2393
EMEB Comendador Ermenegildo Martinelli, Av. José Mezzalira, 400, 13218-740, Jundiaí, SP, tel. (11) 4584-1881

Bibliografia

Aprendizagem Escolar e Construção do Conhecimento, César Coll, 159 págs., Ed. Artmed, tel. 0800-703-3444, 42 reais
Currículo, Cultura e Conhecimento, Elvira Souza Lima, 32 págs., Ed. Inter Alia, tel. (11) 5083-6043, 10 reais

Internet

No site do MEC (**www.mec.gov.br**) você encontra o documento Indagações sobre Currículo